

Sikivu Hutchinson: ateísmo e feminismo negro

Ricardo Oliveira da Silva¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i46.66294>

Resumo: Sikivu Hutchinson é uma intelectual feminista e atea afroamericana dos EUA, engajada em debate público sobre desafios enfrentados por mulheres negras daquele país, como racismo, sexismo e patriarcado religioso. Abordo neste artigo como essa autora desenvolve, no início do século XXI, propostas para enfrentamento de adversidades presentes na vida cotidiana das mulheres negras. Para isso, amparo-me na história intelectual; especialmente no entendimento teórico do texto contendo dimensão diacrônica/sincrônica (Carl E. Schorske) e noção de engajamento do intelectual (Jean-François Sirinelli). A partir disso, investigo como, diferente de soluções tal a luta social por meio de igrejas negras ou ativismo ateu pautado em discussões teológicas, Sikivu Hutchinson propõe a intersecção entre ateísmo humanista e feminismo negro para empoderamento das mulheres afroestadunidenses.

Palavras-chave: Sikivu Hutchinson; Ateísmo; Feminismo Negro.

Sikivu Hutchinson: atheism and black feminism

Abstract: Sikivu Hutchinson is an African-American feminist intellectual and atheist from the USA engaged in public debate about the challenges black women faced in that country, such as racism, sexism, and religious patriarchy. In this article, I discuss how at the beginning of the 21st century, this author develops proposals for facing the adversities present in the daily life of black women. For this, I rely on intellectual history; especially in the theoretical understanding of the text containing a diachronic/synchronic dimension (Carl E. Schorske) and the notion of intellectual engagement (Jean-François Sirinelli). From this I investigate that, unlike solutions such as social struggle through black churches or atheist activism based on theological discussions, Sikivu Hutchinson

¹ Doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2013), Professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: ricardorussell@gmail.com

proposes the intersection between humanist atheism and black feminism to empower African-American women.

Keywords: Sikivu Hutchinson; Atheism; Black Feminism.

Sikivu Hutchinson: ateísmo y feminismo negro

Resumen: Sikivu Hutchinson es una intelectual feminista afroamericana y atea de los EEUU, comprometida en el debate público sobre los desafíos que enfrentan las mujeres negras en ese país, como el racismo, el sexismo y el patriarcado religioso. Abordo en el artículo cómo esta autora desarrolla, a principios del siglo XXI, propuestas para enfrentar las adversidades presentes en la vida cotidiana de las mujeres negras. Para esto me baso en la historia intelectual; especialmente en la comprensión teórica del texto que contiene una dimensión diacrónica/sincrónica (Carl E. Schorske) y la noción de compromiso intelectual (Jean-François Sirinelli). A partir de esto investigo que, a diferencia de soluciones como la lucha social a través de iglesias negras o un activismo ateo basado en discusiones teológicas, Sikivu Hutchinson propone la intersección entre el ateísmo humanista y el feminismo negro para el empoderamiento de las mujeres afroamericanas.

Palabras clave: Sikivu Hutchinson; Ateísmo; Feminismo Negro

Recebido em 14/12/2022 - Aprovado em 11/09/2023

Introdução

Ateísmo é tema que não faz parte da tradição de pesquisa na historiografia brasileira. Na revisão bibliográfica que fiz sobre o assunto para o meu livro *O Ateísmo no Brasil* (2020), encontrei poucos estudos. Trata-se de trabalhos publicados no início do século XXI, como o de Kélen A. Vieira (2014), Maria Helena Azevedo Ferreira (2017) e Danilo Monteiro Firmino (2018). Estes analisam o ativismo ateu de figuras públicas contemporâneas, tal o cientista inglês Richard Dawkins, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos – Atea, bem como a luta que desenvolvem em prol da ciência, razão e laicidade.

Há uma carência de análises historiográficas no Brasil que ampliem o olhar sobre o ateísmo para além da ideia de oposição às religiões. A descoberta da obra da feminista e atea afroestadunidense Sikivu Hutchinson fez-me pensar sobre o sentido que o ateísmo pode ter na intersecção com o feminismo negro e o que isso implica em termos de ativismo social. Essas questões forneceram-me no ponto de partida para elaboração deste artigo.

Meu objetivo com este texto é apresentar um estudo da obra de S. Hutchinson com base em pressupostos da história intelectual. Na perspectiva de Carl E. Schorske (1988), isso implica levar em consideração uma dimensão diacrônica (conexão do texto com a tradição intelectual que o precedeu) e uma dimensão sincrônica (relação do conteúdo do texto com o que é produzido na mesma época). E, pensando na proposta teórica de Jean-François Sirinelli (2003), a dimensão diacrônica/sincrônica do texto ajuda a compreender a noção de *intelectual*, a partir da ideia de engajamento na sociedade em que vive.

Com base nessas referências, busquei situar a dimensão diacrônica da obra de S. Hutchinson na tradição estadunidense do livre-pensamento negro e da resistência das mulheres negras à opressão racial e patriarcal; e a dimensão sincrônica no debate que ela faz com o feminismo branco e o ativismo de ateus brancos. São aspectos que considero importantes para entendimento da militância social acoplado a sua produção intelectual.

A história intelectual também possui dimensão metodológica. Para Helenice Rodrigues da Silva (2002), essa dimensão realça a ligação entre análise interna (conteúdo do texto) e análise externa (trajetória intelectual, conjuntura) com o intuito de historicizar a produção e o significado das ideias.

Com base nisso, faço uma análise dos livros de S. Hutchinso: *Moral Combat* (2011), *Godless Americana* (2013) e *Humanists in the Hood* (2020), investigando o sentido atribuído por ela ao ateísmo na relação com o feminismo negro. Uma construção de significado que vejo como basilar no entendimento da autora sobre caminhos a serem trilhados pelas mulheres negras de seu país no enfrentamento a desafios como racismo, sexismo e patriarcado.

O artigo foi concebido em três tópicos para mostrar os resultados da pesquisa: o primeiro, uma retrospectiva histórica sobre ateísmo e livre-pensamento na comunidade afroamericana dos EUA; o segundo, o papel histórico do feminismo na vida das mulheres negras estadunidenses; por fim, o significado interseccional de S. Hutchinson de um feminismo negro, ateuista e humanista para empoderamento das mulheres negras do país.

Ateísmo na história da população afroamericana dos EUA

A intelectual ateuista S. Hutchinson faz parte de uma comunidade com forte identidade religiosa. Em 2009, dois anos antes de S. Hutchinson publicar *Moral Combat*, foi divulgado o estudo “*Um retrato religioso dos afro-americanos*”, amparado na pesquisa da *Pew Research Center*, que revelou que 87% da população negra dos Estados Unidos descreviam-se como pertencentes a algum grupo religioso e 88% afirmavam estar “absolutamente certos de que Deus existe”. Em contrapartida, apenas 12% dessa

população se definiam como “sem religião” e 1% como ateu ou agnóstico (SAHGAL, SMITH, 2009).

Já em 2021, um ano após S. Hutchinson publicar *Humanists in the Hood*, apareceu o estudo “Fé entre os negros americanos”, amparado em nova pesquisa da *Pew Research Center*. Nesse caso, tem-se que 78% da população negra estadunidense disseram pertencer a algum grupo religioso. Contudo, novos dados da *Pew Research Center* destacaram que a presença desse grupo em igrejas e em atividades religiosas tem sido menos frequente nas gerações mais novas. Além disso, cresceu para 18% o percentual da população que se definiram como “sem religião”, com o acréscimo de 2% de agnósticos e 1% de ateus (MOHAMED, et al, 2021).

A religião preponderante na população afroestadunidense é o cristianismo, cujas raízes se encontram no período da escravidão no país, entre os séculos XVII e XIX. Segundo Donald R. Barbera (2003), historicamente a presença do cristianismo na comunidade negra é ambígua. De um lado, essa religião foi utilizada pelos colonizadores brancos para justificar a escravidão do povo negro. A Bíblia era lida para que estes acreditassem que eram descendentes de Cam, filho de Noé, o qual, conforme o relato no Antigo Testamento, foi amaldiçoado pelo pai por vê-lo dormindo nu e ir contar aos irmãos, em vez de cobrir seu corpo com roupa. Na condição de “filhos de Cam”, o destino do povo negro seria sofrer e servir ao homem branco.

Por outro lado, o cristianismo também alimentou uma mensagem de esperança, como o relato bíblico da conquista pelos israelitas da Terra Prometida após serem submetidos à escravidão no Egito: “A história da liberdade dos israelitas trouxe algum conforto de que uma vida melhor aguardava após o sofrimento” (BARBERA, 2003, p. 41 [tradução deste autor])². Para isso, contribuiu o papel da igreja cristã negra, a qual se tornou uma referência central na vida comunitária da população negra nos EUA. Esta não contava com outros espaços relevantes de apoio e amparo até o fim da escravidão, ocorrida em 1863. A igreja negra cristã também deu suporte para os afroestadunidenses enfrentarem as leis segregacionistas criadas no pós-escravidão para discriminá-los e que foi decisiva no movimento pelos direitos civis, que pôs fim a essas legislações na década de 1960.

Mas, cabe ressaltar que a igreja negra cristã foi conformada por distantes congregações, especialmente as de matriz protestante. A *Pew Research Center* de 2021 revelou que 66% dessa população ainda se definem como protestantes, 6% se identificam como católicos, 3% como de outras religiões cristãs - com destaque para as Testemunhas

² No original: “The freedom story of the Israelites brought some comfort that a better life awaited after the suffering.”

de Jeová - e 3% como de religiões não-cristãs, em particular o islamismo (MOHAMED, et al, 2021).

Em virtude desse quadro histórico, não houve muito espaço para o ateísmo: “A descrença e o pensamento livre são frequentemente vistos como coisas ‘brancas’ ou como estranhos à comunidade negra” (BARBERA, 2003, p. 21 [tradução deste autor])³. Daniel B. Swann afirma que, para essa comunidade, os ateus negros são *outsiders* e problemáticos, uma vez que “[...] afirmar o papel da religiosidade como central para a abolição e o movimento pelos direitos civis serve como um teste decisivo para expressar a apreciação da história do progresso negro na América” (SWANN, 2017, p. 127 [tradução deste autor])⁴.

O ateísmo é atualmente entendido como não crença em Deus (em um sentido específico) ou em qualquer realidade sobrenatural (em um sentido amplo). A raiz etimológica da palavra deriva do grego *atheos*, em que o “a” se refere à ausência/negação, e *theos* remete à ideia de deuses. Segundo Tim Whitmarsh (2017), na Antiguidade Greco-Romana, *atheos* era usado muito mais para referir pessoas que se recusariam a participar das atividades religiosas, tido então como gesto de não reverência aos deuses, do que para indicar uma pessoa que não acreditaria na existência das divindades. O uso social de *atheos* tinha conotação de insulto proferido contra pessoas que, ao não demonstrarem respeito ao religioso, ofenderiam os deuses, a família, a comunidade e os governantes.

O sentido de ofensa associado ao termo ateu perdurou por séculos no continente europeu. Entretanto, um novo significado foi elaborado no decorrer do século XVIII. Alan Charles Kors (2015) alega que, no contexto do avanço da crítica bíblica, do desenvolvimento do método científico e do racionalismo filosófico iluminista, a pessoa atea começou a ser identificada como adepta do ateísmo, uma cosmovisão racional, filosófica, materialista e portadora de crítica à organização da sociedade em bases teológicas.

O ateísmo faz parte daquilo que se convencionou denominar de livre-pensamento na história dos EUA. De acordo com Susan Jacoby (2004), com raízes na filosofia iluminista, os livres-pensadores estadunidenses projetaram-se no espaço público entre a virada do século XVIII para o XIX a partir de religiosos, deístas, agnósticos e ateus, adeptos da posição de que a fé era assunto privado e não de Estado. O que muitos

³ No original: “Nonbelief and freethought are often viewed as “White” things or as foreign to the Black community.”

⁴ No original: “[...] affirming the role of religiosity as central to abolition and the civil rights movement serves as a litmus test to expressing appreciation of the history of Black progress in America.”

desses livres-pensadores compartilhavam, independentemente de suas opiniões sobre existência ou inexistência de divindades, era uma:

abordagem racionalista das questões fundamentais da existência terrena – uma convicção de que os assuntos dos seres humanos deveriam ser governados não pela fé no sobrenatural, mas por uma confiança na razão e evidências aduzidas do mundo natural (JACOBY, 2004, p. 04 [tradução deste autor])⁵.

O ateísmo também foi um componente do livre-pensamento afroestadunidense. Essa é a posição de Christopher Cameron (2019), o qual afirma que o livre-pensamento teve origem na filosofia do Iluminismo e no deísmo entre a população branca estadunidense, sendo o segundo uma concepção racional sobre um Deus que criou o mundo por meio de leis naturais; já entre a população negra dos EUA, o livre-pensamento surgiu tendo como pano de fundo a realidade da escravidão e a discussão sobre o problema do Mal, qual seja, “como conciliar a existência do Mal no mundo com a presença de uma divindade benevolente e onipotente” (CAMERON, 2019, p. 10 [tradução deste autor])⁶.

No século XIX, um dos principais nomes do livre-pensamento negro foi o abolicionista e escritor Frederick Douglass (1818-1895), cuja voz foi crítica à convivência de muitas igrejas cristãs com a instituição da escravidão.

O livre-pensamento marcou presença no movimento cultural *Renascimento do Harlem*, ocorrido entre as décadas de 1910 e 1930. Esse movimento teve como pano de fundo a grande migração de negros dos estados sulistas para cidades do Norte na virada de século XIX; buscavam melhores trabalhos e fugir de ataques racistas. Essa migração representou uma mudança na visão de mundo de muitos sulistas negros. Se antes desejavam autonomia por meio da propriedade da terra, agora almejavam independência social e econômica por meio da vida urbana. No Harlem, bairro de Nova York, surgiu uma efervescente atividade artística e literária que questionou os motivos da opressão racial sobre os negros no país. E, ainda que o cristianismo tenha sido referência importante nesse movimento cultural, intelectuais como Alain Locke (1885-1954),

⁵ No original: “rationalist approach to fundamental questions of earthly existence—a conviction that the affairs of human beings should be governed not by faith in the supernatural but by a reliance on reason and evidence adduced from the natural world.”

⁶ No original: “how to reconcile the existence of evil in the world with the presence of a benevolent and omnipotent deity.”

Langston Hughes (1901-1967) e Zora Neale Hurston (1891-1960) manifestaram ceticismo sobre o significado da concepção bíblica de Deus, o papel social das igrejas e a moral cristã na vida dos afroestadunidenses.

Já em meados do século XX, no contexto da luta pelos direitos civis, o ateísmo foi explicitamente abraçado por ativistas como James Forman (1928-2005) e Huey Newton (1942-1989). Ambos atuaram no *Partido dos Panteras Negras*, organização de inspiração marxista na qual muitos membros viam a Religião como instrumento de dominação de classe e de opressão racial dos brancos e defendiam que “Para os negros reconhecerem seu verdadeiro potencial e se tornarem cidadãos iguais em todo o mundo, [...], eles precisavam se livrar da ideia de Deus e assumir a responsabilidade por seus próprios destinos” (CAMERON, 2019, p. 135 [tradução deste autor])⁷.

Cameron (2019) destaca duas singularidades na história do livre-pensamento afroestadunidense da virada do milênio. Uma delas é a criação de associações secularistas como *African Americans for Humanism* (1989), *Black Skeptics of Los Angeles* (2010), *Black Atheists of America* (2011) e *Black Nonbelievers* (2011). A segunda particularidade é a projeção de lideranças femininas que vinculam o ateísmo no combate ao patriarcado, racismo e injustiças econômicas. Ilustrativo dessa liderança é a fundação das associações mencionadas anteriormente; excetuando-se a *African Americans for Humanism*, foram fundadas respectivamente pelas ateias negras S. Hutchinson, Ayanna Watson e Mandisa Thomas.

A proeminência de mulheres nos movimentos ateístas negros estadunidenses do início do século XXI é constatação que também aparece na pesquisa de Swann (2017), a qual enfatiza a conexão feita por elas entre ateísmo e a luta pela superação das opressões que recaem sobre a mulher negra em um país de tradição religiosa, patriarcal e racista: “As mulheres negras ateístas parecem ter criado um ‘espaço feminista negro ateu’, com sua própria linguagem para reforçar esse espaço e exportar suas ideias para uma sociedade mais ampla” (SWANN, 2017, p. 138 [tradução deste autor])⁸.

A linguagem ateísta associada ao feminismo negro no discurso das lideranças mulheres, como exemplificarei com o caso de S. Hutchinson, costuma ser de viés humanista. Anthony B. Pinn (2016) define essa modalidade de humanismo não-teísta como visão de mundo sem inclinações e reivindicações sobrenaturais e limitada ao senso de responsabilidade humana sem salvaguardas e pressupostos cósmicos. Trata-se, então,

⁷ No original: “For black people to recognize their true potential and become equal citizens around the world, [...], they needed to slough off the idea of God and take responsibility for their own destinies.”

⁸ No original: “Black Atheist women appear to have created a ‘feminist Black Atheist space’, with their own language to both reinforce this space and export their ideas to a wider society.”

de “[...] filosofia de vida centrada no funcionamento humano no contexto da história e que busca promover o bem-estar da vida – em suas várias formas – como uma questão de responsabilidade e trabalho seculares” (PINN, 2016, p. 27 [tradução deste autor])⁹.

A ideia de trabalho secular remete a uma distinção existente na língua inglesa entre os termos “secularismo” e “secularização”. O primeiro se refere a uma doutrina que defende exclusão das crenças e instituições religiosas como orientadores da vida humana no espaço público (JACOBY, 2004). Já o segundo é referência aos distintos fenômenos sociais, culturais, jurídicos, políticos e econômicos (vide temas como “individualismo”, “burocratização da vida política e jurídica”, “economia de mercado”), que influenciaram na redução da presença e da influência das organizações e crenças religiosas na vida pública (PASQUALE, KOSMIN, 2015).

No entanto, por muito tempo, pensou-se em um modelo único de secularização. Mas o que hoje se verifica são distintas formas de secularização trilhadas pelos países. Um caso é o dos EUA, ainda marcado pela influência da religião na vida pública e privada. Para Pasquale e Kosmin, isso pode ser explicado, por entre outros motivos:

pela precariedade e variabilidade da segurança econômica em uma meritocracia altamente individualista em comparação com, por exemplo, os estados de bem-estar social economicamente mais homogêneos e pessoalmente seguros da Europa Ocidental (PASQUALE, KOSMIN, 2015, p. 454 [tradução deste autor])¹⁰.

O modelo de secularização dos Estados Unidos não apenas mantém um papel social de relevo para a religião; é também permeado por práticas, ideias e instituições racistas e patriarcais. Isso ajuda a entender o caráter da luta do livre-pensamento negro ateu no país, o qual, no início do século XXI, conta com maior liderança feminina. Mas, apesar da projeção, ainda existem dificuldades para as mulheres negras se fazerem mais presentes na comunidade ateu dos EUA. Soraya Chemaly (2013) elenca alguns fatores para isso. O primeiro deles diz respeito à proeminência da religiosidade entre

⁹ No original: “[...] philosophy of life that centers on human workings within the context of history and that seeks to promote the well being of life – in its various forms – as a matter of secular accountability and work.”

¹⁰ No original: “[...] by the precariousness and variability of economic security in a highly individualistic meritocracy compared with, for example, the more economically homogeneous and personally secure social welfare states of Western Europe.”

mulheres afroestadunidenses, o que se relaciona à segurança econômica. No caso, a falta de uma sólida rede de proteção social significa que as mulheres, responsáveis pela maior parte dos cuidados aos idosos e crianças, precisam do apoio financeiro de organizações religiosas.

O segundo fator incide sobre o sexismo existente na comunidade ateaísta estadunidense. Ainda que exista um discurso que identifique o ateísmo com o racionalismo - e consequentemente se fale que o racionalismo é neutro em termos de gênero, não permitindo florescer o sexismo entre os ateus -, o fato é que “A discriminação baseada em classe, raça, gênero e sexualidade que vemos na cultura mais ampla também existe em comunidades ateístas e seculares [...]” (CHEMALY, 2013, s/p [tradução deste autor])¹¹.

Em terceiro lugar, as mulheres negras ateias enfrentam o fator da invisibilidade nas mídias, as quais, quando abordam temas relacionados ao ateísmo e secularismo, priorizam a voz dos homens ateus. E isso se conecta ao quarto fator, qual seja, que o ateísmo como movimento social se organiza com ênfase em lideranças masculinas e brancas favorecidas pela estrutura patriarcal e racial dos EUA.

Por fim, S. Chemaly (2013) frisa que a necessidade de lutar constantemente contra o preconceito de gênero e racial deixa as mulheres com menos tempo e energia para se dedicarem ao ativismo ateaísta.

Feminismo na história da população afroamericana dos EUA

Os ateus negros possuem duas identidades alvo de preconceito nos EUA. Com base nos dados da pesquisa do *American Mosaic Project Survey* (2003) e do *American National Election Study* (2012), Swann informa que:

Os americanos demonstram uma visão mais estigmatizada em relação aos negros do que em relação a qualquer outra raça [...]. Ao mesmo tempo, [...] demonstram visões mais estigmatizadas em relação aos ateus do que qualquer outro grupo demográfico religioso (SWANN, 2017, p. 46 [tradução deste autor])¹².

¹¹ No original: “The discrimination based on class, race, gender and sexuality that we see in the broader culture exists in atheist and secular communities too [...]”

¹² No original: “Americans demonstrate more stigmatized view toward Blacks than they do toward any other race [...]. At the same time, [...] demonstrate more stigmatized views towards Atheists than any other religious demographic.”

O estigma em relação ao ateísmo também se faz presente na comunidade afroestadunidense. Swann (2017) realizou 46 entrevistas com homens e mulheres negros que vivem na área de Washington D. C e Baltimore, cidade no estado de Maryland. As pessoas entrevistadas revelaram existência de dificuldades na família, nos círculos sociais e, inclusive, na vida amorosa, por serem ateístas. A religião continua sendo considerada central na vida dessa comunidade e associada de forma positiva à luta contra o racismo. De acordo com as entrevistas, no interior da comunidade afroamericana dos EUA, muitos acreditam na ideia de que:

os ateus negros estão de alguma forma traíndo o legado de [Martin Luther] King e outros líderes dos direitos civis, o movimento dos direitos civis e a teologia da libertação; e até mesmo a sugestão de que eles são contra ou impedem o progresso dos negros [...] (SWANN, 2017, p. 127 [tradução deste autor])¹³.

Esse é um estigma que se acentua quando essas identidades são expressas por mulheres negras, as quais precisam lutar contra o machismo e o patriarcado também no interior de suas comunidades. Nesse sentido, não foi gratuito o fato de que, nas entrevistas feitas por Swann, “muitas participantes femininas também vincularam amplamente o ateísmo ao feminismo e, em alguns casos, fizeram essas ligações explicitamente ao feminismo negro ou ao feminismo radical” (SWANN, 2017, p. 134 [tradução deste autor])¹⁴.

A história da mulher negra nos Estados Unidos caracteriza-se pela resistência às opressões de classe, raça e gênero. De acordo com Bell Hooks (2022), no período da escravidão, a mulher negra foi explorada como trabalhadora do campo, em atividades domésticas, como reprodutora e como objeto para assédio sexual perpetrado pelo homem branco. Esse tratamento tinha respaldo em uma educação cristã que representava a mulher como sedutora má, aquela que trouxe o pecado ao mundo. Na condição de escravizadas, as “mulheres negras eram naturalmente vistas como a personificação do Mal feminino e da luxúria. Eram rotuladas de Jezebel e de sedutoras, além de ser

¹³ No original: “Black Atheists are somehow betraying the legacy of [Martin Luther] King and other Civil Rights leaders, the Civil Rights movement, and liberation theology; and even the suggestion that they are against or impeding Black progress [...]”

¹⁴ No original: “Many female participants also linked atheism with feminism broadly, and in some cases they made these links explicitly to Black feminism or radical feminism.”

acusadas de desviar os homens brancos da pureza espiritual para o pecado” (HOOKS, 2022, p. 64).

A subordinação da mulher negra ao homem também existia na família escravizada, na qual era ela quem cozinhava, limpava a cabana, cuidava dos doentes, lavava, consertava as roupas e dava atenção às necessidades das crianças. Sobre isso, Hooks afirmou que “Homens negros escravizados consideravam trabalho de mulher as tarefas como cozinhar, costurar, cuidar de pessoas e até mesmo alguns trabalhos menores na fazenda” (HOOKS, 2022, p. 81).

A opressão contra a mulher negra continuou mesmo após o fim da escravidão, mediante manutenção de uma hierarquia social baseada em raça e sexo, por parte de pessoas brancas, que posicionou homens brancos em primeiro lugar, mulheres brancas em segundo e, “apesar de às vezes serem colocadas na mesma posição dos homens negros, que estavam em terceiro lugar, [...] as mulheres negras eram as últimas” (HOOKS, 2022, p. 93).

Segundo Patricia Hill Collins (2019), a convergência das opressões de raça, classe e gênero, construída no período da escravidão nos EUA, marca as relações que as mulheres de ascendência africana ainda vivenciam no país. Para a autora, a opressão sobre as afroestadunidenses engloba três dimensões interdependentes. Primeira, a exploração do trabalho, fundamental para o capitalismo, representa a dimensão econômica da opressão; segunda, a longa exclusão das mulheres negras do direito de votar, as dificuldades no acesso aos cargos públicos e ao tratamento equitativo no sistema de justiça, sendo a dimensão política da opressão; por fim, as imagens de controle surgidas na era da escravidão e ainda aplicadas às mulheres negras atestam a dimensão ideológica da opressão.

Em relação à dimensão ideológica da opressão, certas características supostamente inerentes às mulheres negras são usadas para justificar a obediência e castidade perante o homem. P. H. Collins aborda quatro imagens de controle aplicadas às mulheres negras. A primeira é a da *mammy*, a serviçal fiel e obediente, “criada para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico, [...]” (COLLINS, 2019, p. 140). Ao amar, alimentar e cuidar dos filhos e das famílias brancas melhor que dos seus, ou seja, ao aceitar a subordinação, a *mammy* simboliza as percepções do grupo dominante sobre a relação ideal das mulheres negras com o poder da elite masculina branca.

A matriarca é a segunda imagem de controle. Essa imagem ganhou força a partir da década de 1960, na conjuntura de crescente contestação das mulheres ao patriarcado estadunidense. A partir do pano de fundo do maior percentual de famílias negras mantidas por mães solteiras na comparação com a comunidade branca, floresceu a tese

do matriarcado negro, qual seja, que as mulheres negras que não cumpriam seus deveres “femininos” em casa contribuíam para os problemas na sociedade civil negra. Rotuladas de agressivas e não femininas, “as matriarcas negras eram supostamente castradoras de seus amantes e maridos. Esses homens compreensivelmente abandonavam suas parceiras ou se recusavam a casar com as mães de suas filhas e filhos” (COLLINS, 2019, p. 145).

As mães, dependentes do Estado, é a terceira imagem de controle. Com um viés de classe, ela foi desenvolvida para ser aplicada às mulheres negras pobres da classe trabalhadora que fazem uso dos benefícios sociais a que têm direito por lei. Para P. H. Collins (2019), enquanto os benefícios sociais foram negados às mulheres negras pobres, não houve necessidade desse tipo de estereótipo. Contudo, quando as mulheres negras estadunidenses ganharam poder político e exigiram equidade no acesso aos serviços do Estado, essa imagem foi construída. A ideia de mãe dependente do Estado também é usada para controlar a geração da prole, ao qualificar como desnecessária e até mesmo perigosa para os valores do país a fecundidade das mulheres que não são brancas e de classe média.

A quarta imagem de controle é a de Jezebel e *hoochie*, designações para o que seria uma forma desviante da sexualidade feminina negra. A imagem de Jezebel surgiu na época colonial com a função de relegar todas as mulheres negras à categoria de sexualmente agressivas e assim justificar os frequentes ataques sexuais de homens brancos. Enraizada no legado histórico da Jezebel, a *hoochie* é expressão coloquial pejorativa que designa mulher jovem, promíscua e que se veste de forma sexualmente provocante (COLLINS, 2019).

A luta das mulheres negras estadunidenses contra as opressões de classe, raça e gênero no início do século XXI possui, entre suas referências, o feminismo, o qual, na condição de filosofia política e movimento social, denuncia e procura findar a dominação e a exploração a que as mulheres têm sido submetidas por coletivos de homens ao longo do tempo. Entre os temas abordados no debate feminista, está o patriarcado, visto como forma de organização política, econômica, religiosa e social baseada na ideia de autoridade do homem; o sexismo, um conjunto de métodos empregados no seio do patriarcado para manter a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem; e gênero, conceito que “parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos naturais ou biológicos, mas sim construções culturais” (GARCIA, 2015, p. 19).

Mas, conforme Hooks (2022), a relação entre mulheres negras e feminismo nos EUA precisa levar em consideração que, apesar da predominância do patriarcalismo, o país foi colonizado por um fundamento racista que buscou justificar relações de poder e dominação de brancos sobre negros. Kabengele Munanga (2004) informa que o racismo se alicerça em uma concepção essencialista que concebe a humanidade dividida

hierarquicamente em grupos com características diferentes (físicas, psicológicas, morais, estéticas). Uma das fontes do racismo sobre a população negra foi a narrativa bíblica sobre a “maldição de Cam”; outra fonte derivou da ciência moderna ocidental, a qual buscou definir “raça”, a partir da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos).

Hooks frisa que em virtude do fundamento racista dos EUA, as demandas das mulheres negras não são as mesmas que as das brancas. Historicamente, o *status* social de ambas não foi simétrico, uma vez que as mulheres negras foram submetidas a uma opressão racial não vivenciada pelas mulheres brancas. Mais do que isso, a discriminação sexista não impediu que, entre as segundas, fosse absorvido, apoiado e defendido o racismo. Na década de 1830, por exemplo, inúmeras mulheres brancas passaram a se engajar na libertação de escravizados com base em sentimentos religiosos. Apesar disso, elas “nunca apoiaram uma mudança na hierarquia racial que proporcionava a sua casta ser mais elevada do que a de mulheres ou homens negros” (HOOKS, 2022, p. 202).

A organização do movimento feminista nos EUA, a partir do fim da década de 1960 recolocou o debate sobre as diferentes formas de opressão vivenciadas pelas mulheres. Contudo, havia feministas brancas de classe alta e média que resistiam a ideia de que “nem toda mulher é igualmente oprimida porque algumas mulheres podem usar sua classe, raça e privilégio de educação para efetivamente resistir à opressão sexista” (HOOKS, 2022, p. 231). Além disso, mulheres negras perceberam que existiam mulheres brancas que se apropriavam do feminismo com desejo de participar do capitalismo estadunidense convencional - vide foco na discussão sobre trabalhar fora de casa em igualdade salarial aos homens.

Para Hooks, nos Estados Unidos, um feminismo que leve em consideração a realidade das mulheres negras não deve se restringir à luta para acabar com o chauvinismo masculino ou para garantir que as mulheres tenham direitos iguais aos dos homens, mas ser “um compromisso para erradicar a ideologia de dominação que permeia a cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe social [...]” (HOOKS, 2022, p. 306). P. H. Collins destaca que o pensamento feminista negro no país deve abranger o conjunto de conhecimentos e práticas institucionais que trate das principais questões enfrentadas pelas estadunidenses negras como coletividade. Isso não significa que todas as mulheres negras do país sejam oprimidas da mesma maneira e que umas não possam oprimir outras. Contudo, “a identidade do pensamento feminista negro como teoria social ‘crítica’ reside em seu compromisso com a justiça, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para outros grupos dominados” (COLLINS, 2019, p. 43).

As reflexões de Hooks e de P. H. Collins, ao apontarem para diferentes formas de opressão vivenciadas pelas mulheres negras, como raça, gênero e classe, colocam em pauta o tema da interseccionalidade. Segundo Kimberle Crenshaw (s/d), as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias de discriminação racial ou discriminação de gênero. A interseccionalidade sugere que a discriminação nem sempre é assunto sobre grupos distintos de pessoas, mas, muitas vezes, sobre grupos sobrepostos formados por indivíduos que são alvos de diferentes formas de discriminação. Os tipos de preconceito que recaem sobre uma mulher negra e pobre (gênero, raça e classe) não são os mesmos que recaem sobre uma mulher branca de classe média. Na condição de movimento social, a luta do feminismo negro pode ser concebida levando em conta a existência de discriminações interseccionais.

Nos Estados Unidos do início do século XXI, um exemplo de luta interseccional inspirada no feminismo negro provém do ativismo de mulheres negras ateias. Em entrevista concedida em 2013, A. Watson, fundadora da *Black Atheists of America*, afirmou que “[...] nos concentramos em lidar com questões sociais que são específicas da comunidade negra, bem como trazer diversidade para a comunidade atea [...]” (WATSON, 2013 [tradução deste autor])¹⁵. Em depoimento de 2018, M. Thomas, fundadora e presidenta da *Black Nonbelievers*, ressaltou a luta por visibilidade dos ateus negros e pautas como justiça social, humanismo e feminismo: “E nossa missão e valores incluem a comunidade LGBTQ, uma comunidade representada em nossa liderança e associação, que incorpora a interseccionalidade” (THOMAS, 2018, s/p [tradução deste autor])¹⁶.

Ateísmo e feminismo negro na obra de Sikivu Hutchinson

S. Hutchinson é uma ativista negra, escritora, feminista e atea que nasceu na cidade de Los Angeles no ano de 1969. Em entrevista concedida em 2011, ela afirmou que cresceu em um lar secular com sua mãe, Yvonne Divans Hutchinson (professora), e seu pai, Earl Ofari Hutchinson (escritor), sendo ativistas sociais de orientação agnóstica e humanista que pouco frequentavam a igreja. Um perfil anômalo em face da forte religiosidade na comunidade negra ao qual eles pertenciam (HUTCHINSON, 2011a).

S. Hutchinson possui formação em antropologia pela Universidade da Califórnia em Los Angeles e doutorado em Estudos da Performance pela Universidade de Nova York, obtido em 1999. A sua produção inclui obras como *Moral Combat: black*

¹⁵ No original: “[...] we focus on dealing with social issues that are specific to the black community as well as bringing diversity to the atheist community [...]”

¹⁶ No original: “And our mission and values include the LGBTQ community, a community represented in our leadership and membership, which incorporates intersectionality”.

Atheists, gender politics and the values wars (2011), *Godless Americana: race and religious rebels* (2013), *White Nights, Black Paradise* (2015), *Humanists in the Hood: unapologetically black, feminist and heretical* (2020) e *The Rock 'n' Roll Heretic* (2021) (DUNN, s/d).

Um tema privilegiado na obra de S. Hutchinson é a história cultural e social do livre-pensamento afroestadunidense e seu papel na luta pela libertação negra. *Moral Combat* é considerado o primeiro livro sobre ateísmo publicado por uma mulher afroestadunidense. Definindo-se como feminista, atea e negra, ela dá atenção especial a essas pautas. A autora afirma que a obra foi escrita para abordar a interseção entre gênero, raça, orientação sexual e ideário humanista a partir de uma posição política progressista, uma abordagem não privilegiada no ativismo de ateus famosos no país como os cientistas Richard Dawkins e Sam Harris (HUTCHINSON, 2011b).

S. Hutchinson reconhece que seu lugar de fala como mulher, negra, atea e feminista encontra resistência não apenas no ativismo desenvolvido por ateus brancos e feministas brancas, mas no interior da comunidade afroamericana dos EUA. Em decorrência dessa realidade, além da atividade intelectual, ela desenvolve um ativismo social. Foi de sua iniciativa a criação da associação *Black Skeptics Los Angeles* (2010) para auxiliar ateus e ateias provenientes da comunidade negra e a entidade *Women's Leadership Project*, programa para atender a jovens negras do sul de Los Angeles em situação vulnerável. Devido ao seu trabalho, ela foi nomeada *Mulher Secular do Ano* em 2013 e, em 2020, recebeu o prêmio *Harvard Humanista do Ano* (DUNN, s/d).

Meu objetivo nas próximas páginas é abordar o significado interseccional entre ateísmo e feminismo negro na obra de S. Hutchinson, tendo como base sua leitura sobre a relação das mulheres com a religião, o ateísmo e o feminismo.

a) Mulheres negras: religião e ateísmo

No livro *Moral Combat*, é mencionado o resultado da pesquisa da *Pew Forum* de 2009 que identificou 87% da população afroestadunidense como religiosas. S. Hutchinson faz referência a essa pesquisa para realçar seu argumento sobre a força da religião na comunidade negra. A principal identidade religiosa nesse grupo da sociedade dos EUA é a cristã, cujos laços se estabeleceram no contexto da escravidão. Naquela época, o cristianismo tornou-se fonte de comunidade, espiritualidade e coesão para pessoas submetidas ao regime de trabalho escravista. E, “Por gerações, a Igreja Negra prestou serviços sociais e outras oportunidades negadas às comunidades negras devido ao

racismo institucional e à supremacia branca” (HUTCHINSON, 2011c, p. 68 [tradução deste autor])¹⁷.

A permanência de inúmeros problemas na comunidade negra no início do século XXI - vide segregação residencial, discriminação no emprego, excesso de encarceramento e dificuldades no acesso à educação de qualidade - favorece que a igreja negra continue tendo protagonismo social; isso apesar da ascensão de igrejas negras ricas em bairros empobrecidos e da exposição de escândalos financeiros e sexuais de lideranças religiosas. Para S. Hutchinson, “Uma vez que a comunidade negra urbana e a religiosidade estão quase incestuosamente entrelaçadas, os líderes religiosos recebem um espaço político e licença moral especialmente amplos” (HUTCHINSON, 2011c, p. 74-75 [tradução deste autor])¹⁸.

A igreja negra vista como parte da identidade dessa população embaraça o desenvolvimento de posições ateístas: “De fato, o ateísmo aparentemente vai contra um *ethos* cultural que enquadra a dor e o sofrimento terrenos como um cadinho para alcançar recompensas na vida após a morte” (HUTCHINSON, 2011c, p. 05 [tradução deste autor])¹⁹. A isso, acrescenta-se o fato de que o ateísmo é visto por grupos religiosos como sinônimo de imoralidade e insulto à história e às tradições culturais afroestadunidenses, não sendo incomum entre estes a ideia de que um negro ateu não é “realmente” negro.

A reprovação do ateísmo na comunidade afroamericana dos EUA é ainda mais aguda ao se tratar de mulheres. De acordo com S. Hutchinson, é comum, na cultura negra, o apreço por imagens de mulheres fielmente se dirigindo com seus filhos às igrejas. Nesse caso, “Se ser negro e ser cristão são sinônimos, então ser negro, mulher e religioso ou ‘espiritual’ [...] é praticamente obrigatório” (HUTCHINSON, 2011c, p. 20 [tradução deste autor])²⁰. Sendo o ateísmo visto como rejeição do patriarcado e da “autêntica” negritude, “as mulheres negras que professam abertamente visões não-teístas são consideradas especialmente traidoras, tendo abandonado seu papel principal como fornecedoras de tradições culturais e religiosas” (HUTCHINSON, 2011c, p. 20 [tradução deste autor])²¹.

¹⁷ No original: “For generations the Black Church provided social services and other opportunities denied black communities due to institutional racism and white supremacy.”

¹⁸ No original: “Since urban black community and religiosity are almost incestuously intertwined, faith-based leaders are provided with an especially wide political berth and moral license.”

¹⁹ No original: “Indeed, atheism seemingly flies in the face of a cultural ethos that frames earthly pain and suffering as a crucible for achieving rewards in the afterlife.”

²⁰ No original: “If being black and being Christian are synonymous, then being black, female, and religious or ‘spiritual’ [...] is practically compulsory.”

²¹ No original: “black women who openly profess non-theist views are deemed especially traitorous, having abandoned their primary role as purveyors of cultural and religious tradition.”

O movimento ateu organizado poderia representar um ponto de apoio para negros e negras hostilizados em suas comunidades pela ausência de convicções religiosas. Conforme S. Hutchinson, emergiu um ativismo ateu no país na esteira do extremismo político de uma direita religiosa, na virada do milênio, capitaneado por cientistas e escritores brancos como Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Sam Harris e Daniel Dennett. Há, porém, por parte desses autores, pouca atenção às relações entre privação de direitos econômicos, raça, gênero e religiosidade. O biólogo Dawkins, por exemplo, enfatiza “a dimensão evolucionária da crença e adesão religiosas, argumentando que a reverência contemporânea pelo sobrenaturalismo de qualquer tipo fatalmente mina a razão e a investigação científica” (HUTCHINSON, 2011c, p. 199 [tradução deste autor])²².

O problema de autores como Dawkins seria a ausência de uma abordagem sociológica sobre a religião que englobe a dimensão da crítica antirracista, antissexista e anti-imperialista. Para S. Hutchinson, “Se não houver um acerto de contas com o papel que a injustiça econômica e a exploração capitalista desempenham na formação da hiper-religiosidade entre as pessoas de cor, então as críticas ateístas humanistas negras correm o risco de ser irrelevantes” (HUTCHINSON, 2011c, p. 223 [tradução deste autor])²³.

Na obra *Humanists in the Hood*, S. Hutchinson ainda frisa que o antagonismo criado no meio ateu entre ciência (posto como sinônimo de razão e progresso) e religião (posto como sinônimo de fé e superstição) nem sempre destaca o fato de que a ciência muitas vezes não foi plenamente benéfica para a população negra. Os valores iluministas alicerçados na racionalidade científico-filosófica, exortados por muitos ateus brancos, surgiram “em uma época em que a escravidão, o genocídio e o colonialismo eram justificados pela ciência e pela investigação científica” (HUTCHINSON, 2020, p. 69 [tradução deste autor])²⁴.

b) Mulheres negras: religião e feminismo

A pesquisa *Pew Forum*, publicada em 2009, verificou que, para 84% das mulheres afroestadunidenses, a religião é muito importante e que 59% delas participam dos serviços religiosos ao menos uma vez por semana. Na avaliação de S. Hutchinson, esses

²² No original: “the evolutionary dimension of religious belief and adherence, arguing that contemporary reverence for supernaturalism of any kind fatally undermines reason and scientific inquiry.”

²³ No original: “If there is no reckoning with the role economic injustice and capitalist exploitation play in shaping hyper-religiosity among people of color then black humanist atheist critiques risk irrelevancy.”

²⁴ No original: “in an era in which slavery, genocide, and colonialism were justified by science and scientific inquiry”.

números possuem explicação em um cenário histórico em que “a religião organizada fornece contexto para a articulação da identidade de gênero feminina na resistência à supremacia branca” (HUTCHINSON, 2011c, p. 28 [tradução deste autor])²⁵ - identidade construída com base em valores difundidos pela igreja negra que promovem a imagem da mulher devota, casta, comprometida com o bem da comunidade e submissa ao homem.

A identidade de gênero feminina moldada por entendimento patriarcal dos princípios cristãos possui forte ressonância nas comunidades afroamericanas dos EUA, as quais veem religião como sinônimo de unidade e coesão social. Por causa dessas circunstâncias, “as mulheres em comunidades tradicionalmente religiosas não têm o privilégio cultural e autoral de expressar ceticismo, muito menos expressar publicamente sua oposição à religião organizada” (HUTCHINSON, 2011c, p. 34 [tradução deste autor])²⁶.

As mulheres negras que assumem ideias e posturas que se afastam do modelo religioso normativo de identidade de gênero são alvos de críticas e associadas a imagens depreciativas. No livro *Godless Americana*, S. Hutchinson ressalta que um dos estereótipos mais poderosos sobre a mulher negra é o que a associa à hipersexualidade. Uma das fontes de justificativas para tal associação é a narrativa bíblica sobre a expulsão do primeiro casal humano (Adão e Eva) do Paraíso, baseada na premissa de que “o vergonhoso corpo sujo da mulher é a fonte do pecado original” (HUTCHINSON, 2013, p. 159 [tradução deste autor])²⁷. A partir disso, dissemina-se a imagem da mulher negra Jezebel, sexualmente insaciável. Outro tipo de imagem é a da “matriarca negra”, uma ameaça ao domínio patriarcal.

De acordo com S. Hutchinson, “a justiça de gênero continua sendo o desafio não cumprido mais premente para as comunidades afroamericanas” (HUTCHINSON, 2011c, p. 237 [tradução deste autor])²⁸ - ideal de justiça que pode ser amparado pelo feminismo. Contudo, a relação das mulheres negras com o feminismo nos Estados Unidos historicamente tem apresentado dificuldades de conexão. No século XIX, o movimento pelos direitos das mulheres abraçou a causa abolicionista. Eram comuns, na época, discursos de lideranças femininas que comparavam a opressão vivida por mulheres à escravização enfrentada pela população afroestadunidense. Apesar disso, muitas delas “acreditavam que as mulheres brancas eram moral e intelectualmente

²⁵ No original: “Organized religion provides context for the articulation of female gendered identity in resistance to white supremacy.”

²⁶ No original: “women in traditionally religious communities don't have the cultural and authorial privilege to express skepticism, much less publicly voice their opposition to organized religion.”

²⁷ No original: “the shameful dirty body of the female is the source of original sin.”

superiores às mulheres de cor e aos homens de cor” (HUTCHINSON, 2020, p. 16 [tradução deste autor])²⁹.

A trajetória do movimento feminista tem sido marcada pela sub-representação e falta de debate sobre as demandas das mulheres negras. Por exemplo: enquanto feministas brancas com formação universitária deploravam a desigualdade salarial, mulheres negras da classe trabalhadora definham em empregos não sindicalizados de baixos salários. Enquanto mulheres brancas liberais protestavam pelo direito ao aborto, “as mulheres negras lutaram por uma plataforma mais abrangente de justiça reprodutiva, enquadrando o aborto, a contracepção e o planejamento familiar como críticos para a luta pela libertação negra em uma economia capitalista” (HUTCHINSON, 2020, p. 18 [tradução deste autor])³⁰.

Essas circunstâncias contribuem para perpetuar o afastamento das mulheres negras do feminismo. S. Hutchinson (2020) menciona o resultado do *GenForward Survey*, estudo realizado em 2018 com pessoas na faixa etária entre 18 e 34 anos, que constatou que somente 12% das mulheres afroamericanas nos EUA se identificam como feministas e que cerca de 70% dos afroestadunidenses acreditam que o movimento feminista beneficia apenas mulheres brancas. Para a autora, o feminismo tem sido importante na luta em torno de pautas como igualdade de gênero, direito ao aborto, equidade salarial e combate à violência sexual. Entretanto, ainda carece de maior estreitamento com as demandas específicas atinentes à realidade das mulheres negras dos Estados Unidos.

c) Ateísmo e feminismo negro

A intersecção entre o ateísmo e o feminismo negro seria um caminho na busca de soluções para as demandas da população afroamericana dos EUA, em especial para as mulheres negras. Essa é a posição de S. Hutchinson, para quem um ateísmo pautado em valores morais seculares deve fornecer base para sólida crítica aos graves problemas culturais e socioeconômicos que prosperam em comunidades negras sob regime de religião organizada. No caso, “em vez de exigir obediência moral a divindades e forças

²⁸ No original: “gender justice remains the most pressing unfulfilled challenge for African American communities.”

²⁹ No original: “believed that white women were morally and intellectually superior to women of color and men of color.”

³⁰ No original: “Black women fought for a more encompassing platform of reproductive justice, framing abortion, contraception, and family planning as critical to Black liberation struggle in a capitalist economy.”

sobrenaturais, o humanismo secular enquadra a moralidade em termos de princípios de justiça, equidade e igualdade” (HUTCHINSON, 2011c, p. 103 [tradução deste autor])³¹.

Ainda que reconheça o papel da igreja negra na resistência à supremacia branca nos EUA, S. Hutchinson (2011) compreende a religião organizada como uma das forças que contribuem na perpetuação de desigualdades baseadas em raça, gênero, classe e orientação sexual e que são reforçadas por injustiça econômica institucionalizada em torno do capitalismo global. É por isso que o ateísmo humanista precisa ampliar suas pautas para além das discussões sobre separação Igreja–Estado e fomento de uma educação científica.

As pautas do ateísmo humanista também foram discutidas em *Humanists in the Hood*. Conforme S. Hutchinson, o primeiro Manifesto Humanista, publicado nos EUA em 1933 na conjuntura da crise econômica que assolava o país, enfatizou a luta pela igualdade racial e distribuição de renda, temas que perderam força no segundo Manifesto Humanista de 1973. Para ela, “os humanistas americanos brancos querem nos fazer acreditar que o humanismo é sobre triunfo da razão sobre dogmas e preconceitos retrógrados que subvertem a vida, a liberdade e a busca da felicidade” (HUTCHINSON, 2020, p. 56 [tradução deste autor])³² - um humanismo com raízes no livre-pensamento iluminista branco que forjou os EUA a partir da opressão racial, de gênero e de dominação de classe.

No intuito de atender às demandas da população afroestadunidense, a melhor alternativa humanista seria aquela enraizada na tradição do livre-pensamento negro do país - vide referências como Frederick Douglass, Philip Randolph, Langston Hughes, Zora Neale Hurston e Nella Larsen – caminho particularmente necessário para as mulheres. Essa ideia foi enfatizada em *Moral Combat*: “Os desafios de alcançar o ceticismo básico em uma comunidade tradicionalmente religiosa e racial e economicamente desprivilegiada são especialmente onerosos para as mulheres” (HUTCHINSON, 2011c, p. 19 [tradução deste autor])³³.

S. Hutchinson defende a intersecção entre o ateísmo humanista e o feminismo negro como possibilidade para as mulheres afroestadunidenses enfrentarem os desafios em suas realidades. Em *Humanists in the Hood*, ela afirma que o feminismo negro deve ser

³¹ No original: “Instead of demanding moral obedience to deities and supernatural forces, secular humanism frames morality in terms of principles of justice, fairness, and equality.”

³² No original: “White American humanists would have us believe that humanism is all about the triumph of reason over backward dogmas and prejudices that subvert life, liberty, and the pursuit of happiness.”

³³ No original: “The challenges of achieving baseline skepticism in a traditionally religious, racially and economically disenfranchised community are especially onerous for women.”

entendido como resposta às “realidades cotidianas dos corpos das mulheres negras e as políticas raciais, sexuais, de gênero e de classe que moldaram suas experiências vividas” (HUTCHINSON, 2020, p. 19 [tradução deste autor])³⁴, cujos sustentáculos são a supremacia branca, o nacionalismo branco e noções patriarcais negras de autoridade e poder.

Diante disso, a inserção do humanismo no debate desenvolvido pelo feminismo negro significa centralidade das mulheres negras como responsáveis por construção de soluções contra o supremacismo branco, cristão, fascista, heterossexista e patriarcal, de um lado, e o patriarcalismo heterossexista do homem negro, de outro lado. Para S. Hutchinson:

O humanismo feminista negro é uma alternativa vibrante ao espiritualismo [...], fetichismo de Jesus e adoração à deusa que caracteriza os sistemas de crenças feministas progressistas que giram em torno do teísmo. Eu também defendo que o humanismo feminista negro baseado na complexidade de múltiplas identidades e posições de sujeito é uma lente crítica para abordar raça, gênero, classe e desigualdade sexual nos Estados Unidos (HUTCHINSON, 2020, p. 25 [tradução deste autor])³⁵.

O fundamento do humanismo para o feminismo negro ateu nos EUA teria referências no ativismo intelectual e social de mulheres como Maria Stewart (1803-1879), Harriet Jacob (1813-1897), Ida B. Wells (1862-1931), Lorraine Hansberry (1930-1965), Angela Davis (1944) e Alice Walker (1944): “Essas ativistas e escritoras negras denunciaram as mentiras de uma nação onde apenas recentemente o estupro de uma mulher negra é um crime passível de ação judicial” (HUTCHINSON, 2020, p. 30 [tradução deste autor])³⁶.

³⁴ No original: “everyday realities of Black women's bodies and the racial, sexual, gender, and class politics that shaped their lived experiences.”

³⁵ No original: “Black feminist humanism is a vibrant alternative to the [...] spiritualism, Jesus fetishism, and goddess worship that characterizes progressive feminist belief systems that revolve around theism. I also make the case that Black feminist humanism based on the complexity of multiple identities and subject positions is a critical lens for addressing race, gender, class, and sexual inequity in the United States.”

³⁶ No original: “These Black women activists and writers called out the lies of a nation where only recently is the rape of a Black woman a prosecutable offense.”

No início do século XXI, mulheres negras, feministas e ateias prosseguiriam com essa luta que defende “uma visão feminista negra exclusivamente interseccional para o humanismo, ao mesmo tempo em que desafia a supremacia branca e a exclusão racista em círculos ateus, humanistas e de pensamento livre historicamente eurocêtricos” (HUTCHINSON, 2020, p. 32 [tradução deste autor])³⁷. Essa abordagem do feminismo encontra ressonância em associações como *Black Skeptics of Los Angeles*, *Black Atheists of America* e *Black Nonbelievers* e na sua luta pela visibilidade e apoio às mulheres negras ateias.

Considerações finais

A interpretação desenvolvida nas obras de S. Hutchinson de um ateísmo humanista em intersecção ao feminismo negro é sintomática do seu engajamento intelectual e político com a transformação das diversas formas de injustiças que incidem sobre a população afroestadunidense, em especial sobre as mulheres dessa comunidade. Mas, ao mesmo tempo, seu posicionamento reflete a luta por mudanças na sociedade dos EUA como um todo, na direção de formas de organização da vida coletiva e dos laços de sociabilidade sem racismo, sexismo, heterossexismo, patriarcalismo e dominação de classe.

O desenvolvimento de uma luta social pautada pelo ateísmo humanista e que possui na população afroamericana dos EUA um público-alvo enfrenta o desafio da força histórica da religião e da igreja negra, elementos que fundamentam inclusive uma identidade de grupo. Ciente dessa situação, S. Hutchinson ressignifica o ateísmo a partir da tradição do livre-pensamento negro do país. Um exercício similar é feito por ela ao tratar do feminismo para mulheres negras. São opções que buscam criar um elo de identidade e sentido para pessoas que costumam ver ateísmo e feminismo como “coisas de branco”.

Mas o caminho do ativismo por meio da intersecção entre ateísmo humanista e feminismo negro não seria, como S. Hutchinson frisa em *Humanists in the Hood*, “um anúncio animador de torcida para o antropocentrismo”. Sua posição é que os seres humanos são criadores de diferentes formas de opressão. E que eles podem elaborar novos significados para perpetuar injustiças - vide o caso do racismo, quando se deu preferência ao discurso científico, a partir do século XIX, no lugar do discurso religioso para justificar a dominação sobre populações negras. Apesar disso, entendendo o

³⁷ No original: “a uniquely intersectional, Black feminist vision to humanism while also challenging white supremacy and racist exclusion in historically Eurocentric atheist, humanist, and freethought circles.”

sobrenatural como não-existente, para ela, cabe ao ser humano buscar soluções para problemas e mazelas que ele mesmo criou.

Referências

BARBERA, Donald R. *Black and not Baptist: nonbelief and freethought in the black community*. New York: iUniverse, 2003, 280 p.

CAMERON, Christopher. *Black Freethinkers: a history of african american secularism*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2019, 256 p.

CHEMALY, Soraya. 5 reasons there aren't more women in atheism. *Salon*, jul. 2013. Disponível em: [5 reasons there aren't more women in atheism | Salon.com](https://www.salon.com/2013/07/05/5-reasons-there-arent-more-women-in-atheism/). Acesso em: 03 out. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019, 480 p.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*, p. 07-16, s/d. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7syemfv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

DUNN, Bill. Sikivu Hutchinson. *Freedom from Religion foundation*, s/d. Disponível em: <https://ffrf.org/ftod-cr/item/38154-sikivu-hutchinson>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FERREIRA, Maria Helena Azevedo. *Ateísmo, neoateísmo e o “problema” da religião no século XXI: uma análise da obra Deus, um delírio (2007) de Richard Dawkins*. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017.

FIRMINO, Danilo Monteiro. *Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado Brasileiro: ateísmo, laicidade e conflitos jurídicos na formação do primeiro movimento social ateísta do Brasil*. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2018.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. 3ª ed. São Paulo: Claridade, 2015, 120 p.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvli Libanio. 11ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, 320 p.

- HUTCHINSON, Sikivu. *Moral Combat: Interview with Dr Sikivu Hutchinson*. *Echoes of CommonSense*, 6 mar. 2011a. Disponível: [Moral Combat: Interview with Dr Sikivu Hutchinson | Echoes of CommonSense \(wordpress.com\)](#). Acesso em: 24 out. 2022.
- HUTCHINSON, Sikivu. To be Atheist, feminist, and black (Interview). *Religion Dispatches*, 3 feb. 2011b. Disponível em: <https://religiondispatches.org/to-be-atheist-feminist-and-black/>. Acesso em: 24 out. 2022.
- HUTCHINSON, Sikivu. *Moral Combat: black atheists, gender politics, and the values wars*. Los Angeles, California: Infidel Books, 2011c, 280 p.
- HUTCHINSON, Sikivu. *Godless Americana: race and religious rebels*. Los Angeles, California: Infidel Books, 2013, 242 p.
- HUTCHINSON, Sikivu. *Humanists in the Hood: unapologetically black, feminist, and heretical*. Durham, North Carolina: Pitchstone Publishing, 2020, 135 p.
- JACOBY, Susan. *Freethinkers: a history of american secularism*. New York: Owl Books, 2004, 422 p.
- KORS, Alan Charles. The age of enlightenment. In: BULLIVANT, Stephen e RUSE, Michael (org.). *The Oxford Handbook of Atheism*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015, p. 195-211.
- MOHAMED, Besheer, [et al]. Faith among black americans. *Pew Research Center*, 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2021/02/16/faith-among-black-americans/>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos Penesh*, v. 5, p. 15-34, 2004.
- PASQUALE, Frank L., KOSMIN, Barry A. Atheism and the secularization thesis. In: BULLIVANT, Stephen e RUSE, Michael (org.). *The Oxford Handbook of Atheism*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015, p. 451-467.
- PINN, Anthony B. Nontheistic Humanism. *Fiph.JOURNAL*, n° 27, p. 27-32, april 2016. Disponível em: <https://fiph.de/veroeffentlichungen/journale/cover-downloads/fiph-Journal-Nr.27-Pinn-Nontheistic-Humanism.pdf?m=1570630393&>. Acesso em: 30 set. 2022.
- SAHGAL, Neha, SMITH, Greg. A religious portrait of african americans. *Pew Research Center*, 2009. Disponível em:

<https://www.pewresearch.org/religion/2009/01/30/a-religious-portrait-of-african-americans/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle*: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras/Editora Unicamp, 1988, 392 p.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual*: entre questionamentos e perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2002, 160 p.

SILVA, Ricardo Oliveira da. *O ateísmo no Brasil*: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2020, 248 p.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SWANN, Daniel B. *Don't tell me you're one of those! A qualitative portrait of black Atheists*. 260 f. Dissertation (Doctor in Sociology). University of Maryland, 2017. Disponível em: https://drum.lib.umd.edu/bitstream/handle/1903/19954/Swann_umd_0117E_18323.pdf?sequence=1. Acesso em: 30 set. 2022.

THOMAS, Mandisa. Five Fierce Humanists: Unapologetically Black Women Beyond Belief. *TheHumanist.com*, jul./aug. 2018. Disponível em: <https://thehumanist.com/magazine/july-august-2018/features/five-fierce-humanists-unapologetically-black-women-beyond-belief>. Acesso em: 24 out. 2022.

VIEIRA, Kélen Aparecida. *www.atea.org.br (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos)*. Ateísmo, identidades culturais e não religiosas na sociedade contemporânea. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

WATSON, Ayanna. Interview with We Are Atheism. *YouTube*, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ce7Zs7XAIZA>. Acesso em: 15 out. 2022.

WHITMARSH, Tim. *Battling the Gods*: atheism in the ancient world. London: Faber & Faber, 2017, 292 p.